

## A REPRESENTAÇÃO DA MORTE NO CORPUS PARALELO DE TRADUÇÃO AS INTERMITÊNCIAS DA MORTE/DEATH WITH INTERRUPTIONS

### THE REPRESENTATION OF DEATH ON THE PARALLEL TRANSLATION CORPUS AS INTERMITÊNCIAS DA MORTE/DEATH WITH INTERRUPTIONS

Fernanda Saraiva FRIO<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho analisa como é feita a representação da personagem morte no texto *As Intermitências da Morte*, do escritor José Saramago, e em sua tradução para a língua inglesa, intitulada *Death with Interruptions*, sob autoria de Margaret Jull Costa, tomando como aporte teórico a Linguística Sistêmico-Funcional e usando os métodos de Linguística de Corpus. Através da análise dos processos associados à personagem morte/*death*, constata-se que, no texto fonte, ela é descrita em relação ao mundo à sua volta e ao mundo interno de sua mente, mais do que em termos de suas características e relação com outras entidades. No texto alvo, por sua vez, ela possui uma relação mais estreita com o mundo exterior, e sua descrição é feita em termos de sua situação no tempo/espaço e de suas características e de como se relaciona com outros seres.

**Palavras-chave:** Linguística Sistêmico-Funcional; Metafunção Ideacional; Sistema de transitividade; José Saramago.

**Abstract:** This paper analyzes how the character death is represented in the text *As Intermitências da Morte*, by José Saramago, and in its English translation, under the title *Death with Interruptions* and written by Margaret Jull Costa. It takes Systemic-Functional Linguistics as the theoretical framework and employs Corpus Linguistics methods. Through the analysis of the processes associated with the character death, we find that, in the source text, she is described in relation to the world around her and the inner world of her mind, rather than in terms of her characteristics and relationship with other entities. In the target text, in turn, she has a closer relationship with the outside world, and she is described in terms of her placement in time and space, her features and how she relates to other beings.

**Keywords:** Systemic-Functional Linguistics; Ideational metafunction; Transitivity system; José Saramago.

#### Introdução

A linguística de corpus é uma abordagem empírica do estudo da linguagem que prioriza a observação de grandes quantidades de dados autênticos, partindo da premissa de que o senso comum e a introspecção dão acesso a somente a um conjunto limitado de fatos (STUBBS, 2006). Nessa abordagem, de acordo com Thompson e Hunston (2006), o conceito de potencial de significado é substituído pelo conceito de ocorrência: o foco não recai sobre o que é provável na língua, e sim sobre o que de fato acontece. O

---

<sup>1</sup> Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução – Centro de Comunicação e Expressão – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) – Florianópolis – SC. fernandasfrio@gmail.com.

significado é apreendido através da recorrência de determinados elementos em um grande número de textos. Trata-se, portanto, de uma metodologia que pode ser incorporada a qualquer abordagem teórica da linguagem, estando presente, por exemplo, nos Abordagens Discursivas aos Estudos da Tradução, dentre as quais pode-se citar a Linguística Sistêmico-Funcional (doravante LSF) de M. A. K. Halliday, teoria norteadora deste trabalho.

O uso de corpora nos Estudos da Tradução é relativamente recente, tendo sido iniciado pelo trabalho seminal de Baker (1993), em que a autora cita os elementos motivadores da ascensão dessa relação, dentre os quais destaca-se a reavaliação da noção de equivalência, que passou a assumir caráter situacional, gerando a consequente necessidade de se observar maiores quantidades de textos em contexto. A autora resume:

Os Estudos da Tradução chegaram a um ponto em seu desenvolvimento como disciplina em que estão prontos para e necessitam das técnicas e da metodologia da Linguística de Corpus, de modo que possam partir das afirmações prescritivas para as descritivas, desde a delimitação de metodologias até as teorias, e de pesquisas fragmentadas para generalizações convincentes (...) O texto fonte perdeu status, e conseguimos partir das regras e imperativos ligados do texto fonte para categorias descritivas<sup>2</sup> (BAKER, 1993, p. 247).

Em um trabalho publicado dois anos depois, Baker (1995) sugere projetos de pesquisa em Estudos da Tradução que se utilizem da metodologia de corpus e oferece uma tipologia de tipos de corpora. É certo que, como comenta Laviosa (2013), os estudos de corpora não eram novidade quando Baker lançou sua proposta, mas seu trabalho marcou o início e uma nova forma de ver os Estudos da Tradução.

A relação existente entre Linguística de Corpus e LSF, por sua vez, é uma relação complementar. Na LSF, a totalidade da linguagem é representada como um sistema de redes interligadas, que codificam diferentes tipos de significados, que por sua vez estão ligados às diferentes funções da linguagem. Dentro de cada sistema, as escolhas são feitas

---

<sup>2</sup> Minha tradução de: “Translation studies has reached a stage in its development as a discipline when it is both ready for and needs the techniques and methodology of corpus linguistics in order to make a major leap from prescriptive to descriptive statements, from methodologising to proper theorizing, and from individual and fragmented pieces of research to powerful generalizations (...) The status of the source text has been undermined and we have managed to make the leap from source-text-bound rules and imperatives to descriptive categories.”

com relação a um determinado nível gramatical, e cada sistema maior leva a subsistemas, em que as escolhas vão se tornando mais específicas (NEVES, 2004). Qualquer instância de uso da linguagem, portanto, é resultado de um conjunto de escolhas em cada um desses sistemas, escolhas essas que têm natureza probabilística. Os usos individuais da língua ativam e alteram seu sistema através de construções recorrentes, daí a importância de haver estudos de LSF baseados em corpora (THOMPSON E HUNSTON, 2004). Assim, ao passo que a LSF vê a língua enquanto probabilidade, a LC oferece os meios para observar grandes quantidades de dados linguísticos e elucidar essas probabilidades, mostrando como elas ocorrem de fato.

Sob a perspectiva da LSF, a linguagem está centrada em dois tipos de significados, quais sejam, um significado ideacional, ou reflexivo, e um significado interpessoal, ou ativo (HALLIDAY, 1994). Estes dois significados são realizados, isto é, são efetivados na organização da oração, através das chamadas metafunção ideacional e metafunção interpessoal, cujos propósitos são, respectivamente, descrever o mundo externo e interno da experiência do falante/escritor e promover sua relação com seu interlocutor/leitor. Existe uma terceira metafunção, responsável por organizar esses significados na oração e no texto, a chamada metafunção textual. No domínio léxico-gramatical, os significados ideacionais se dão através do sistema de transitividade, organizado por figuras de participantes, processos e circunstâncias, os significados interpessoais se realizam através de um sistema de modo oracional e modalidade e os significados textuais se efetuem através das relações de um sistema de informação, organizado em tema e rema e através de recursos de coesão.

Este trabalho centra-se sobre o sistema de transitividade, mais especificamente sobre os processos associados à personagem/participante morte/*death* no romance *As Intermittências da Morte*, do escritor português José Saramago, e de sua tradução para a língua inglesa, intitulada *Death With Interruptions* e realizada pela tradutora britânica Margaret Jull Costa. A análise busca mostrar como a personagem morte é construída e caracterizada tanto no texto fonte quanto no texto alvo, de modo a verificar se existem diferenças na forma como a personagem age no mundo e quais características lhe são atribuídas.

A trama do romance pode ser dividida em duas partes: em um primeiro momento, as pessoas param de morrer em uma determinada região – à qual o autor não confere um

nome –, e é retratado o drama de famílias que têm como membros doentes terminais – que mais adianta descobrem que atravessando a fronteira com um país vizinho é possível “matar” seus doentes – e das autoridades políticas e religiosas, que chegam à conclusão de que sem morte haverá superlotação de hospitais e que a descrença na morte e, conseqüentemente, na ressurreição, fará com que a igreja perca seu poder. Na segunda parte, a morte aparece personificada, e o leitor acompanha sua saga durante o período em que as pessoas param de morrer, o que leva a um desfecho que explica o porquê desse fenômeno.

## 2. O sistema de transitividade e os tipos de processo

Do ponto de vista experiencial, a linguagem reflete nossa percepção do mundo em termos de eventos que envolvem entidades e ocorrem sob determinadas condições de espaço, tempo, modo etc. Em termos funcionais, fala-se de participantes envolvidos em processos que ocorrem em determinadas circunstâncias (THOMPSON, 2004). O termo transitividade refere-se, aqui, à descrição de toda a oração, mas compartilha com a gramática tradicional o foco no processo, que vai decidir quais são os tipos de participante envolvidos em determinada ação. O processo reflete fatos tanto da experiência externa quanto da experiência interna do falante, é também possível que o falante relacione fragmentos de sua experiência através de processos de identificação e caracterização (FUZER E CABRAL, 2014). Esses três tipos principais de processos são chamados materiais, mentais e relacionais.

Processos materiais são processos concretos, que envolvem ações físicas de transformação e criação:

- (1) “A morte **meteu** a mão ao acaso na bolsa, **tirou** a carteira das notas e **entregou** as que lhe pareceram necessárias.”
- (2) “*So now we know that, contrary to what so many thought, death does not **take** her letters to the post office.*”

Processos mentais estão relacionados ao que acontece no universo interior da mente; são processos de cognição, percepção, afeição e desejo (LIMA-LOPES E VENTURA, 2008):

(3) “Temos portanto que a morte **decidiu** ir à cidade.”

(4) “*Death **knows** everything about us, and that perhaps is why she's sad.*”

Processos relacionais são processos de ter, ser, estar e pertencer:

(5) “A morte **tem** as mãos livres para agir como melhor lhe parecer.”

(6) “*Death, in her features, attributes and characteristics, **was** unmistakably a woman.*”

Existem também processos intermediários, que se encontram na fronteira entre os três principais tipos. São eles os processos verbais, comportamentais e existenciais. Situando-se na fronteira entre processos materiais e mentais, os processos verbais são processos de dizer, em que “uma ação física (...) reflete operações mentais” (THOMPSON, 2004, p. 100):

(7) “Então estamos de acordo, **concluiu** a morte.”

(8) “*I have a big favour to ask of you, **said** death.*”

Processos comportamentais refletem uma ação física associada a uma manifestação psicológica, e situam-se na fronteira entre processos mentais e materiais:

(9) “A morte **olhou** fixamente o sobrescrito de cor violeta.”

(10) “*Death **smiled** her pretty smile.*”

Por fim, processos existenciais são processos de haver e existir, processos de estar no mundo:

(11) "De repente a morte **deixou de estar**."

(12) "*So **there isn't** just one death.*"

Halliday e Matthiessen (2014) lembram que as línguas são indeterminadas, portanto, a classificação de processos nem sempre será clara e pode variar para cada pesquisador. Os autores organizam os tipos de processo em um círculo, de modo a demonstrar que não existem fronteiras fixas entre cada um, como mostra a Figura 1:

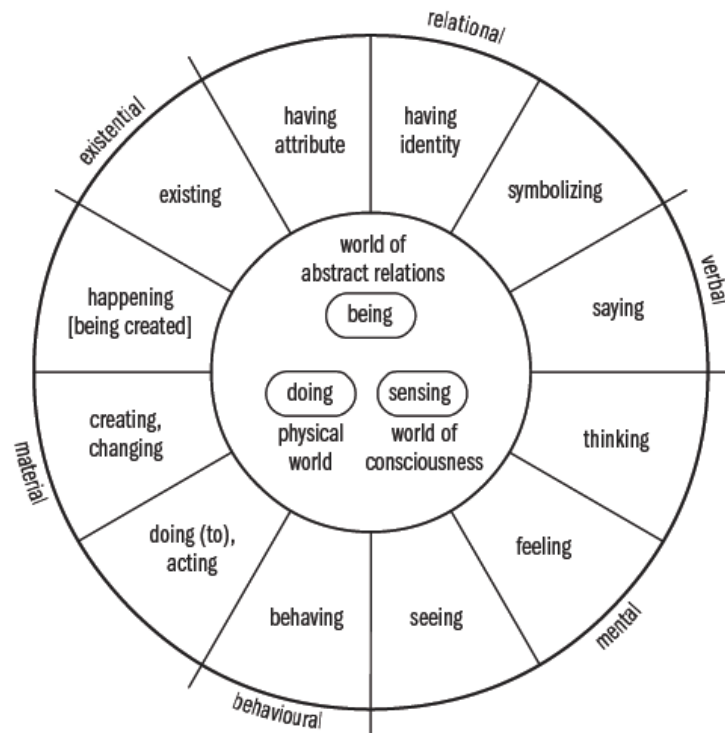


Figura 1 – Fronteiras entre os tipos de Processo  
Retirado de Halliday e Matthiessen, 2014, p. 216.

Assim, é importante centrar-se na função que cada processo desempenha dentro de seu contexto específico de ocorrência, visto que, no caso especial deste trabalho, lida-se com linguagem literária, em que a forma dos processos nem sempre reflete claramente seu significado e que, além disso, é possível haver associação de diferentes processos.

### 3. Método

O método de análise do texto fonte e de sua tradução constituiu-se dos seguintes passos: compilação e correção do corpus, anotação do corpus no MS Word, contagem das etiquetas de anotação através do programa *WordSmith Tools 3.0* e alinhamento dos textos usando um *template* do MS Excel. Na etapa de análise, recorreu-se aos textos alinhados para ver como cada processo do texto fonte foi retextualizado no texto alvo. Cabe observar que somente foram analisados os processos ligados à personagem morte/*death* nos segmentos em que ela aparece com esse nome, ou seja, referências anafóricas não foram anotadas, posto que existem outras personagens femininas que também falam e agem na trama.

Os textos que compõem o corpus encontravam-se disponíveis online, em formato pdf, e foram convertidos para o formato doc para que pudessem ser corrigidos e anotados. Foram eliminadas todas as quebras de linha para facilitar a visualização do texto no momento da anotação. Os tipos de processos foram anotados utilizando-se etiquetas, delimitadas por parênteses angulares (<>) e colocadas à direita do processo que estavam anotando, nas quais constavam as três primeiras letras do tipo de processo a que estavam associadas. O código de anotação, portanto, possui a seguinte forma:

Processo material	<mat>
Processo mental	<men>
Processo relacional	<rel>
Processo verbal	<ver>
Processo comportamental	<com>
Processo existencial	<exi>

A anotação foi feita no MS Word porque, como o texto conta com sentenças muito extensas, repletas de orações encaixadas, muitas vezes a personagem e o processo associado a ela se encontravam em pontos distantes do texto, o que impossibilitava a anotação através do *WordSmith Tools 3.0*, visto que o programa só oferece acesso a um número limitado de contexto. A anotação de processos é sempre feita no nível da oração,

pois é nela que se concretizam significados experienciais, e são levadas em conta todos os tipos de oração, para que a análise seja completa (THOMPSON, 2004).

Após a etapa de anotação, o texto foi quebrado em sentenças através de uma Macro do MS Word (FLEURI, 2013), para facilitar o procedimento de alinhamento, que é feito no nível da sentença. O alinhamento foi feito em um *template* do MS Excel criado por Fleuri (ibid.), que visa a agilizar esse procedimento, como mostra a Figura 2:

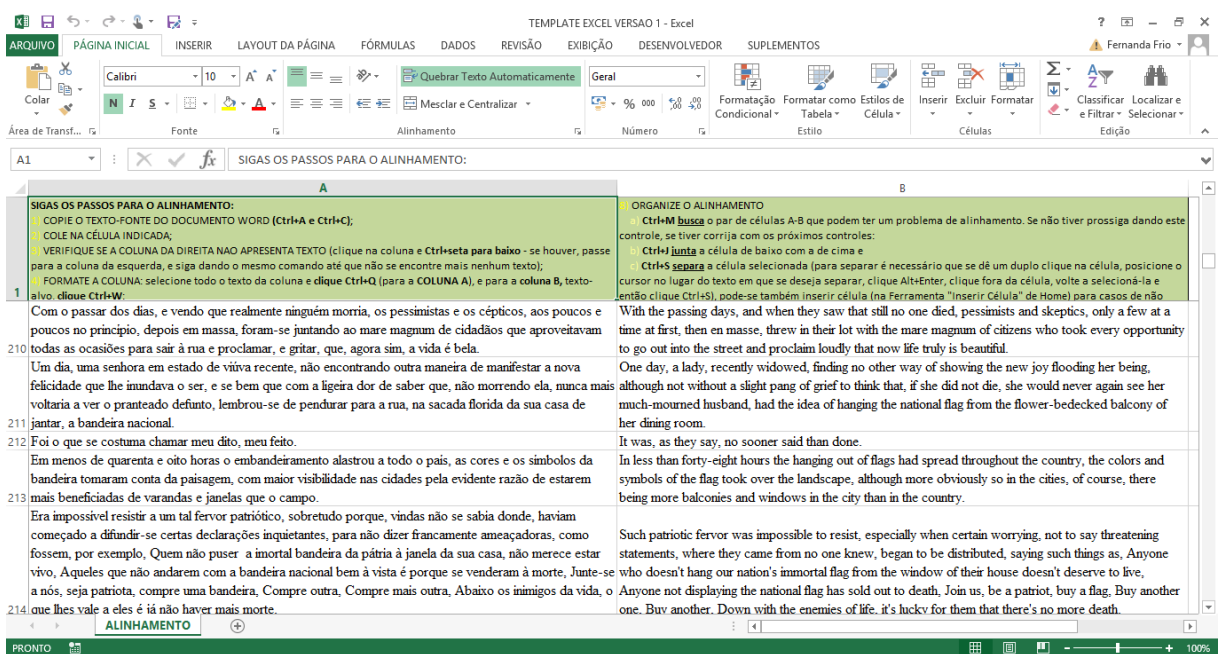


Figura 2 – Template Alinhamento MS Excel

Através do comando Ctrl + M, é possível detectar automaticamente as sentenças não alinhadas, que podem ser facilmente corrigidas através dos comandos Ctrl + S e Ctrl + J, cujas funções são, respectivamente, separar e unir segmentos.<sup>3</sup>

A análise dos resultados foi feita, primeiramente, através da contabilização dos tipos de processo em cada texto através da ferramenta *Concord* do *WordSmith Tools*. Essa ferramenta gera linhas de concordância, ou seja, lista as ocorrências de determinado item e do texto que está ao seu redor, conforme a Figura 3:

<sup>3</sup> O acesso a essas ferramentas é gratuito, ambas estão disponíveis no site <https://sites.google.com/site/lilianjfleuri/>.



N	Concordance	Set	Tag	Word No.	File	%
378	denegação, a morte, aparecessem palavras como vida e viver, como vivo e viverei. Ali só há lugar para a morte, nunca para falar de hipóteses absurdas como ter alguém conseguido escapar a ela, isso nun			48.879	pus-2.txt	74
380	parecências, tanto as efectives como as imaginadas, as tivesse ele fabricado na sua cabeça, o que à morte impressionava era ter-lhe parecido ouvir naqueles cinquenta e oito segundos de música uma tr			53.780	pus-2.txt	81
381	o Descanso, encontrá-la-a ainda que aqui não estivesse. Então cá fico à sua espera, Não faltarei. A morte fez uma pausa <men> e perguntou <ver>, A propósito, recebeu, ou alguém da sua família, a			53.216	pus-2.txt	89
389	ação de intentar para neutralizar a perturbação surgida no processo, ou então subentender-se-á que a morte, ao contrário do que ela própria pensava, tem carta branca para resolver <rel>, como bem ent			50.245	pus-2.txt	76
393	ante de tanta maravilha da natureza, diante de assombros tão sublimes. Porém, os pensamentos da morte, que continua a olhar fixamente por cima do ombro do violoncelista, tomaram já outro caminho			55.018	pus-2.txt	83
394	desencasamento e aprendiz de filósofo, E é que já estou cansado de te explicar, Quer dizer, uma morte, aquela que era noxa, suspendeu a atividade <com>, as outras, as dos animais e dos vege			20.913	pus-2.txt	32
385	to a aprender a morrer eles próprios, porque ainda não lhes teria chegado o tempo, mas a enganar a morte de outros, ajudando-a, o expediente utilizado, como não tardará a ver-se, foi uma nova manifes			8.515	pus-2.txt	13
386	zer a igreja se nunca mais ninguém morrer. Nunca mais é demasiado tempo, mesmo tratando-se da morte, senhor primeiro ministro, Creio que não me respondeu, eminência, Devolve-lhe a pergunta, qu			3.087	pus-2.txt	5
387	ão adormecido também se tornaria imortal, logo se haveria de ver por quanto tempo, se a sua própria morte, a outra, a que se encarega dos outros seres vivos, animais e vegetais, se ausentasse como			46.296	pus-2.txt	70
388	o ele, por sua própria natureza, invisível. Não é bem assim. somos lestemunhas fidedignas de que a morte é um esqueleto <rel> embrulhado num lençol, mora numa sala fria em companhia de uma velh			44.317	pus-2.txt	68
388	es já não era vida. Ajelharam-se ambas no chão a prantear os mortos que tinham vindo a enganar a morte. o homem já manejava a enxada, cavava, retirava com a pá a terra solta, e logo voltava a cavar.			10.663	pus-2.txt	16
391	autoridade para emendar um verbete, Enganas-te, tenho todos os poderes e toda a autoridade, sou a morte, e toma nota de que nunca o fui tanto como a partir deste dia, Não sabes no que te vais met			51.328	pus-2.txt	78
391	ção de pundonor, de brio, de orgulho profissional, porquanto, aos olhos de toda a gente, regressar a morte é inocência daqueles tempos seria o mesmo que reconhecer a sua derrota: uma vez que o pro			51.569	pus-2.txt	78
392	ta tratar-se de uma sádica manifestação de crueldade, como tantas que vemos todos os dias, mas a morte não tem qualquer necessidade <men> de ser cruel, a ela, tirar a vida às pessoas basta-lhe e s			38.216	pus-2.txt	58
393	podia para que tal sucedesse, o violoncelista não errou a nota, os dedos não tomariam a tocar-lhe, a morte tinha compreendido <men> que não se deve nunca distrair o artista na sua arte. Quando o con			60.787	pus-2.txt	92
394	univalia a uma pergunta. E que não posso estar sempre a entrar e a sair para tratar do correo, disse a morte <ver>, tenho de me concentrar totalmente na resolução do problema do violoncelista, descob			56.131	pus-2.txt	85
395	ão enroscado no tapete, e nem sequer a este animal te seria permitido tocar porque tu não és a sua morte, e, na tépida penumbra do quarto, esses dois seres vivos que rendidos ao sono te ignoravam s			48.133	pus-2.txt	73
396	ho que apesar-te que não tardará muito se não lhe mudares a água, serás tu capaz de reconhecer na morte dele aquela outra morte de que agora parece estar a salvo, ignorando porquê. Antes, no temp			20.568	pus-2.txt	32
397	ra todo e qualquer representante da espécie humana um ponto final, um remate, uma condenação, a morte, aparecessem palavras como vida e viver, como vivo e viverei. Ali só há lugar para a morte, n			48.862	pus-2.txt	74
398	loncelista. Abriu a porta e esperou que o animal voltasse. No copo tinha ficado um pouco de água. A morte olhou-a <com>, fez um esforço para imaginar <men> o que seria ter sede, mas não o consegu			47.763	pus-2.txt	73
399	ai, embora um exame posterior venha a demonstrar que afinal se trata de um vulgar homo sapiens. A morte, porém, esta que se fez mulher, tira da bolsa uns óculos <mat> escuros e com eles defende o			57.867	pus-2.txt	87
400	lado do guarda-roupa encostado a porta que daria acesso ao corredor está um sofá pequeno onde a morte se foi sentar. Não o havia decidido, mas foi-se sentar ali, naquele canto, talvez por se ter lemb			47.338	pus-2.txt	72
401	da vida, ameaçando a cada instante cair para o outro lado, mas atada a este por um ténue fio que a morte, só podia ser ela, não se sabe por que estranho capricho, continuava a segurar. Já tinham p			545	pus-2.txt	1
402	te dia. Não sabes no que te vais meter, avisou a gadanha. Em todo o mundo há um só lugar onde a morte não se pode meter. Que lugar. Esse a que chamam uma, caixa, tumba, ataúde, féretro, esqu			51.363	pus-2.txt	78
403	ada com o essencial. Por aí se sai novamente ao corredor, mesmo em frente de uma porta em que a morte não necessita tocar para saber que se encontra fora de serviço, isto é, nem abre, nem fecha,			45.712	pus-2.txt	70
404	mais do que provável em quem ainda terá de habituar-se às refregências de uma manhã de verão. A morte desce a rua <mat> até onde os muros terminam e os primeiros prédios se levantam. A partir d			57.914	pus-2.txt	87
405	a estultia vaidade de pensar-me tal, mandaria pôr imediatamente em circulação uma nova tese, a da morte adiada, sem mais explicações. À igreja nunca se lhe pediu que explicasse fosse o que fosse,			3.202	pus-2.txt	5
406	que lhe perdoasse a estultia presunção, tinha proposto a imediata promoção de uma nova tese, a da morte adiada, fiando-se na tantas vezes louvada sabedoria do tempo, aquela que nos diz que sempre			21.731	pus-2.txt	33
407	ranheza na cara, levantou o olhar: o retrato que o documento exibia era de uma mulher mais velha. A morte tirou os óculos escuros <mat> e sorriu <com>. Perplexo, o recepcionista olhou novamente o			60.116	pus-2.txt	91
408	orrendo os seres humanos, e os outros animais, sim, por que razão a não-morte de uns não é a não-morte de outros, quando a este peixinho vermelho se lhe acabar a vida, e tenho que avisar-te que nã			20.534	pus-2.txt	32
409	vas a carta, perguntou a gadanha, que decidira não reagir à ironia. Levou, vai aqui dentro, respondeu a morte <ver>, tocando a bolsa com as pontas de uns dedos finos, bem tratados, que a qualquer um			57.724	pus-2.txt	87
410	res de desespero e angústia dos homens e das mulheres que, um a um, vão sendo avisados da sua morte próxima, desespero e angústia que, em alguns casos, estão a causar efeitos precisamente co			38.289	pus-2.txt	58
411	>. Muito mais tarde, o cão levantou-se do tapete e subiu para o sofá. Pela primeira vez na sua vida a morte soube <men> o que era ter um cão no regaço. Momentos de fraqueza na vida qualquer um os			47.878	pus-2.txt	73
412	renta e nove anos que ele devia ter morrido e não com os cinquenta que já tem. Via-se que a pobre morte estava perplexa <men>, desconcertada, que pouco lhe faltava para começar a dar com o cab			43.459	pus-2.txt	66
413	do mato. Não, não serei eu quem leve o meu filho ao outro lado, não o trouxe à vida para entregá-lo à morte por minhas próprias mãos, levem o pai, eu fico aqui. A irmã veio para ela e perguntou-lhe, Pref			10.251	pus-2.txt	16
414	nótico desabafo com uma tarefa que, se não lhe acabou ali mesmo com a triste vida, foi só porque a morte havia deixado de operar <com> neste país desde o princípio do ano. Nem tudo é festa, porém,			4.401	pus-2.txt	7
415	e entre os homens, da amizade e do amor. Então aconteceu algo nunca visto, algo não imaginável, a morte deixou-se cair de joelhos <com>, era toda ela, agora, um corpo refeito, por isso é que tinha jo			47.121	pus-2.txt	72
416	m analgésico, de um tranqüilizante espiritual. Pessoas que até aí tinham vivido conscientes de que a morte é certa <rel> e de que a ela não há meio de escapar, mas pensando ao mesmo tempo que, h			40.336	pus-2.txt	62
417	to de cidadãos firmemente convencidos de que pela simples acção da vontade será possível vencer a morte e que, por conseguinte, o merecido desaparecimento de tanta gente no passado só se tinha d			1.347	pus-2.txt	2
418	ta de laboratório, sendo assim, interveio um filósofo da ala optimista, porque vos assusta tanto que a morte tenha acabado. Não sabemos se acabou, sabemos apenas que deixou de matar, não é o mes			7.930	pus-2.txt	12
419	ente delas fosse a mesma de que eu um dia vinta a morrer. Porque cada um de vós tem a sua própria morte, transporta-a consigo num lugar secreto desde que nasceu, ela pertence-te, tu pertences-lhe,			20.627	pus-2.txt	32
420	ante ser mais profunda que a da sala de música, deixa ver uma cama e o culto de alguém deitado. A morte avança <mat>, cruza o umbral <mat>, mas detém-se, indecisa, ao sentir a presença de dois			46.092	pus-2.txt	70

Figura 3 – Ferramenta *Concord*

A contagem das etiquetas, portanto, foi feita observando-se quantas linhas de concordância eram geradas quando era especificado o item a ser buscado – chamado de nóculo – na concordância. Essa mesma ferramenta foi usada para que pudessem ser observadas quantas ocorrências de morte/*death* havia no corpus.

Na segunda etapa de análise, buscou-se observar com mais detalhe os tipos de processo, examinando cada uma de suas ocorrências através do *template* do MS Excel, e verificar como foi feita a retextualização de cada tipo de processo, em especial dos processos cujo número total de ocorrências foi mais discrepante na comparação entre os dois textos analisados. Para facilitar a agilizar essa análise, as etiquetas relativas a cada tipo de processo foram destacadas com cores diferentes no *template*. Os resultados obtidos são apresentados na seção a seguir.

#### 4. Resultados

Foram encontradas 420 ocorrências da palavra morte no corpus em português, dentre as quais 203 ocorrências referem-se à morte como personagem, isto é, como participante associada a um processo. No corpus em inglês, das 451 passagens em que

*death* aparece, em 215 ela é participante. Os resultados referentes à associação de morte/*death* aos tipos de processo descritos por Halliday são apresentados na Tabela 1 abaixo:

	Corpus PT	Corpus ING
Material	57	61
Mental	45	39
Relacional	29	43
Verbal	25	25
Comportamental	45	43
Existencial	2	4
TOTAL	203	215

Tabela 1 – Ocorrência de processos no corpus

Como se pode observar na tabela acima, no corpus em inglês existem 12 ocorrências a mais da personagem morte como participante, o que reflete a limitação da língua inglesa de elisão do sujeito. Os diferentes tipos de processos associados aos participantes morte/*death* aparecem em números similares na maioria dos casos, no entanto, houve uma diferença significativa nos resultados relativos aos processos relacionais, posto que estes aparecem em maior número – uma diferença de 14 ocorrências – no corpus de língua inglesa.

Os processos materiais são os que aparecem em maior número nos dois textos analisados, contando com 57 ocorrências em *As Intermitências da Morte* e 61 em *Death with Interruptions*. Através de buscas no corpus, constatou-se que a maioria dos processos materiais eram processos transformativos, processos de movimento, que muitas vezes apareciam em sequência, conforme os exemplos:

- (13) “A morte **acrescentou** à lista o nome da pessoa a quem se dirigia a carta que tinha regressado à procedência, **sublinhou** as palavras e **pousou** a caneta no porta-penas.”

- (14) “*Death got up from her chair, went over to the only door in the room (...) opened it, passed through and closed it after her.*”

Há também passagens em que a personagem realiza processos materiais criativos, mas o número desses foi inferior com relação aos processos transformativos:

- (15) “A morte **apareceu** à luz do dia numa rua estreita”

- (16) “*Death had put an end to itself.*”

Ao contrário dos processos materiais, os processos mentais apareceram em menor número no corpus em inglês, contando com 6 ocorrências a mais em *As Intermitências da Morte*. Na maioria dos casos, esses processos estavam relacionados à cognição e à percepção, tendo sido identificadas apenas 3 ocorrências de processos mentais ligados a desejo ou afeição:

- (17) “Agora a morte já **sabe** o nome que tem.”

- (18) “*One of the things death finds most tiring is the effort it takes to stop herself seeing everything everywhere simultaneously.*”

- (19) “Compreende-se portanto que a morte não **queira** aparecer às pessoas naquele preparo.”

- (20) “*Death felt sorry for him.*”

Na retextualização de alguns processos mentais do texto fonte para o texto alvo, houve uma tematização do processo, isto é, ele foi colocado em primeira posição na oração, que fez com que a morte não realizasse a função de participante:

- (21) “A morte pensou que o homem tivesse companhia.”

(22) “*It occurred to death that perhaps the man had company.*”

Os processos relacionais ligados à personagem morte/*death* são em sua maioria processos atributivos, ou seja, que atribuem uma característica ao participante, e processos que situam a personagem no tempo-espaço:

(23) “A morte **é** um esqueleto embrulhado num lençol.”

(24) “A morte, precisamente por estar em toda parte, não pode **estar** em nenhuma em particular.”

(25) “*Death is everywhere.*”

(26) “*Death seems much smaller now.*”

A maior recorrência de processos relacionais no texto traduzido indica que, na retextualização, a personagem *death* foi descrita em termos de suas características e relação com outras entidades e de sua localização no espaço-tempo em maior grau do que em sua relação com seu mundo exterior e interior. Observando-se os trechos alinhados, foi possível observar que muitos trechos que continham processos relacionais no texto fonte não foram retextualizados da mesma forma no texto alvo, e o contrário também ocorreu:

(27) “A morte não é única.”

(28) “***There isn’t just one death.***”

(29) “Os jornais (...) tiveram uma procura enorme, maior ainda do que quando pareceu que se tinha deixado de morrer.”

(30) “*Sales of newspapers, we hardly need say, shot up, even more so than when it seemed that death was a thing of the past.*”

Quanto aos processos comportamentais, cuja recorrência foi semelhante em ambos os textos, estes estavam mais próximos dos processos mentais do que aos processos materiais, sendo que grande parte deles estava ligada ao sentido visual:

(31) “A morte **olhou** fixamente o sobrescrito de cor violeta.”

(32) “A morte **sorriu** seu lindo sorriso.”

(33) “*Death examines the card and finds nothing on it.*”

(34) “*Death hesitates, she can’t quite decide between presumption and humility.*”

A ocorrência de processos verbais contou com diversas formas sinônimas do verbo dizer/*say*, sendo que este aparece em menor número do que os demais no corpus. A análise dos textos mostrou que todos os processos que eram verbais no texto fonte foram retextualizados também como processos verbais no texto alvo, visto que a maioria deles aparecia em construções como “disse/respondeu/concluiu a morte”:

(35) “Então estamos de acordo, **concluiu** a morte.”

(36) “Vou ter de estar fora durante uma semana, **continuou** a morte.”

(37) “*You spoke, exclaimed death.*”

(38) “*Death smiled her pretty smile and asked, Tell me frankly, do I look frightening.*”

A menor ocorrência de processos verbais com relação a processos materiais e relacionais indica que a personagem morte/*death* é uma personagem que mais age no mundo do que fala.

Finalmente, os processos existenciais aparecem em menor número com relação a todos os outros, contando com apenas 2 ocorrências no texto fonte e 4 no texto alvo, sendo que em apenas um caso há correspondência entre os segmentos:

(39) “A mesma morte **existe** desde sempre.”

(40) “*Death has always existed.*”

Os resultados acima indicam que a personagem morte é construída como um ser que possui existência física e capacidade de locomoção e transformação, dotada de subjetividade e mecanismos cognitivos, além da capacidade de sentir emoções humanas, e que é descrita em relação ao mundo à sua volta e ao mundo interno de sua mente, mais do que em termos de suas características e relação com outras entidades. Além disso, ela possui a faculdade da fala e é dotada de sentidos, fazendo uso especial do sentido da visão, o que lhe confere um caráter observador e introspectivo.

A personagem *death*, por sua vez, é uma personagem mais física do que mental, isto é, possui uma relação mais estreita como o mundo exterior do que com o mundo interior, sendo portanto mais situada no tempo-espaco e descrita com relação a seus atributos físicos e sua relação com outros seres. À semelhança de morte, *death* também é um ser verbal que faz uso constante do sentido da visão, porém, ela é menos introspectiva e usa mais o corpo para modificar o seu entorno.

## 5. Considerações Finais

Este trabalho buscou mostrar como a transitividade pode ser um recurso importante na análise de textos literários e de textos literários traduzidos, elucidando diferenças e semelhanças na construção de personagens. Vale lembrar que existem diversos meios de se analisar um texto de qual gênero for, mas os pressupostos teóricos da LSF vêm se mostrando produtivos para esse tipo de análise. O sistema de transitividade é apenas uma possibilidade dentro dessa teoria, que poderia ser usada para demonstrar,

usando o corpus em questão, como a personagem morte/*death* se coloca diante daqueles com quem interage e diante daquilo que expressa – análise via sistema de modo – ou como ela organiza seu discurso – sistema de informação.

Observando-se os resultados, é possível notar que a diferença na ocorrência dos seis tipos de processo não é grande, pelo menos em números absolutos, mas o recurso à linguística de corpus permitiu que a análise não ficasse centrada somente em números, e facilitou a observação e comparação dos segmentos em cada um dos textos, mostrando que de fato há diferenças na forma como a morte foi construída no romance de Saramago e na forma como foi retextualizada pela tradutora Margaret Jull Costa.

Outras pesquisas podem ser realizadas partindo desta, como a observação da personagem morte/*death* nos momentos em que ela se manifesta verbalmente, visto que a presente análise mostra como a personagem é vista somente do ponto de vista do narrador. Espera-se que este trabalho tenha contribuído para os Estudos da Tradução de cunho discursivo e que possa servir de referências a outros trabalhos que sigam esta linha de pesquisa.

## Referências

- BAKER, M. *Corpus Linguistics and Translation Studies: implications and applications*. In: BAKER, M.; FRANCIS, G.; TOGNINI-BONELLI, E (eds.). **Text and Technology**: In Honour of John Sinclair. Amsterdã e Filadélfia: John Benjamins, 1993. p. 233-250.
- BAKER, M. *Corpora in Translation Studies: an overview and some suggestions for future research*. **Target**, Amsterdã, v. 7, nº 2, 1995. p. 223-243.
- FLEURI, L. **Uma proposta metodológica para compilação de corpus paralelo bilíngue e de pequena dimensão**. Tese (Doutorado) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.
- FUZER, C; CABRAL, S. R. S. **Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa**. Campinas: Mercado das Letras, 2014.
- HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **Halliday's Introduction to Functional Grammar**. 4ª edição. Londres e Nova Iorque: Routledge, 2014.
- LAVIOSA, S. *Corpus-Based Translation Studies: Where Does It Come From? Where Is It Going?* In: KRUGER, A.; WALLMACH, K.; MUNDAY, J. **Corpus-Based Translation Studies: Research and Applications**. Londres e Nova Iorque: Bloomsbury, 2013, p. 13-32.
- LIMA-LOPES, R.; VENTURA, C. *A transitividade em português*. **Direct Papers 55**, PUC-SP and University of Liverpool, 2008.
- NEVES, M. H. M. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- SARAMAGO, J. **As Intermittências da Morte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- SARAMAGO. **Death with Interruptions**. Tradução de Margaret Jull Costa. Orlando: Harcourt, 2008.

STUBBS, M. *Corpus analysis: the state of the art and three types of unanswered questions*. In: THOMPSON, G.; HUNSTON, S. **System and Corpus**: exploring connections. Londres e Oakville: Equinox, 2006, p. 13-36.

THOMPSON, G. **Introducing Functional Grammar**. Londres: Arnold, 2004.

THOMPSON, G.; HUNSTON, S. **System and Corpus**: two traditions with a common ground. In: \_\_\_\_\_. *System and Corpus: exploring connections*. Londres e Oakville: Equinox, 2006, p. 1-14.